



Putas assassinas

Roberto Bolaño



COMPANHIA DAS LETRAS

ROBERTO BOLAÑO

Putas assassinas

Contos

Tradução

Eduardo Brandão



Gómez Palacio

Fui a Gómez Palacio numa das piores épocas da minha vida. Tinha vinte e três anos e sabia que meus dias no México estavam contados.

Meu amigo Montero, que trabalhava na Belas Artes, me arranjou um trabalho na oficina de literatura de Gómez Palacio, uma cidade com um nome horrível. O emprego implicava um tour prévio, digamos uma forma de entrar no assunto, pelas oficinas que a Belas Artes tinha disseminado naquela região. Primeiro, umas férias pelo norte, me disse Montero, depois você vai trabalhar em Gómez Palacio e esquece tudo. Não sei por que aceitei. Sabia que em nenhuma hipótese eu ia ficar vivendo em Gómez Palacio, sabia que não ia dirigir uma oficina de literatura em nenhum povoado perdido do norte do México.

Uma manhã parti do DF num ônibus entupido de gente e meu tour começou. Estive em San Luis Potosí, Aguascalientes, Guanajuato, León, cito fora de ordem, não sei em que cidade estive primeiro nem quantos dias fiquei lá. Depois estive em Torreón e em Saltillo. Estive em Durango.

Finalmente cheguei a Gómez Palacio e visitei as instalações da Belas Artes, conheci os que iam ser meus alunos. Tremia o tempo todo apesar do calor que fazia. A diretora, uma mulher de olhos esbugalhados, gorducha, de meia-idade, que usava um imenso vestido estampado com quase todas as flores do Estado, me instalou num motel dos arredores, um motel espantoso no meio de uma estrada que não levava a lugar nenhum.

No meio da manhã ela própria ia me buscar. Tinha um carro enorme, de cor azul-celeste, e dirigia de uma forma talvez um tanto temerária, mas em linhas gerais se podia dizer que não guiava mal. O

carro era automático e seus pés mal alcançavam os pedais. Invariavelmente, a primeira coisa que fazíamos era ir a um restaurante de beira de estrada que se avistava de longe do meu motel, uma protuberância avermelhada no horizonte amarelo e azul, tomar suco de laranja e comer ovos à mexicana, seguidos de várias xícaras de café, que a diretora pagava com vales da Belas Artes (suponho), nunca com dinheiro.

Depois se recostava na cadeira e punha-se a falar da sua vida naquela cidade do norte e da sua poesia, que havia publicado pela pequena editora que a Belas Artes financiava no Estado, e de seu marido, que não entendia o ofício de poetisa nem as dores que acompanhavam tal ofício. Enquanto ela falava, eu não parava de fumar um Bali atrás do outro e olhava a estrada pela janela e pensava no desastre que era a minha vida. Depois entrávamos de novo no seu carro e íamos para a sede social da Belas Artes em Gómez Palacio, um edifício de dois andares sem nenhum atrativo, salvo um pátio de terra onde só havia três árvores, um jardim desfeito, ou sendo refeito, pelo qual pululavam como zumbis os adolescentes que estudavam pintura, música, literatura. Da primeira vez quase não prestei atenção no pátio. Da segunda, desatei a tremer. Aquilo tudo não tinha sentido, pensava, mas no fundo sabia que tinha sentido e que era esse sentido que me dilacerava, para utilizar uma expressão um tanto exagerada que eu, no entanto, não considerava exagerada. Talvez, então, eu confundisse sentido com necessidade. Talvez só estivesse nervoso.

De noite, demorava para dormir. Tinha pesadelo. Antes de ir para a cama me certificava de que as portas e as janelas do quarto estavam hermeticamente fechadas. Minha boca secava e a única solução era beber água. Levantava continuamente e ia ao banheiro encher o copo de água. Já que tinha levantado aproveitava para verificar mais uma vez se tinha fechado direito a porta e as janelas. Às vezes esquecia as minhas apreensões e ficava junto da janela observando o deserto de noite. Depois voltava para a cama e fechava os olhos, mas como tinha bebido muita água não demorava a me levantar de novo, desta vez para urinar. E já que tinha levantado tornava a verificar as fechaduras do quarto

e tornava a ficar quieto escutando os ruídos distantes do deserto (motores em surdina, carros que iam para o norte ou para o sul) ou espiando a noite através da janela. Até que amanhecia e então, por fim, podia dormir algumas horas seguidas, duas ou três no máximo.

Uma manhã, enquanto comíamos, a diretora me indagou sobre a cor dos meus olhos. Estão assim porque durmo mal, respondi. É, estão avermelhados, disse ela, e mudou de assunto. Naquela mesma tarde, quando me levava de volta ao motel, ela me perguntou se eu queria guiar um pouquinho. Não sei dirigir, disse. Ela desandou a rir e parou no acostamento. Um caminhão frigorífico passou ao nosso lado. Sobre um fundo branco consegui ler em grandes letras azuis: CARNES VIÚVA PADILLA. Vinha de Monterrey e o motorista olhou para nós com um interesse que me pareceu desmedido. A diretora abriu a porta e desceu. Sente no banco do motorista, falou. Obedeci. Enquanto tomava a direção, eu a vi dar a volta pela frente do carro. Depois sentou no banco do passageiro e me mandou arrancar.

Por um bom tempo dirigi pela faixa cinzenta que unia Gómez Palacio ao meu motel. Ao chegar lá não parei. Olhei para a diretora, ela sorria, não lhe importava que eu guiasse mais um pouco. No começo nós dois observávamos a estrada em silêncio. Quando deixamos o motel para trás ela se pôs a falar da sua poesia, do seu trabalho e do seu pouco compreensivo marido. Quando ficou sem palavras ligou o toca-fitas e pôs uma fita de uma cantora de rancheiras. Ela tinha uma voz triste que ia sempre uma ou duas notas à frente da orquestra. Sou amiga dela, disse a diretora. Não entendi. O quê?, perguntei. Sou amiga íntima da cantora, disse a diretora. Ah. É de Durango, falou. Já esteve lá, não? Sim, estive em Durango, respondi. E que tal as oficinas de literatura? Piores do que as daqui, disse eu como cumprimento, mas ela não pareceu considerar assim. É de Durango, mas vive em Ciudad Juárez, falou. Às vezes, quando vai à sua cidade natal para visitar a mãe, me telefona e sempre arranjo um tempo para passar uns dias com ela em Durango. Que bom, falei sem tirar os olhos da estrada. Me hospedo na casa dela, na casa da mãe dela, disse a

diretora. Dormimos as duas no seu quarto e passamos horas conversando e ouvindo seus discos. De vez em quando uma das duas vai à cozinha e prepara um cafezinho. Costumo levar biscoitos La Regalada, que são seus biscoitos preferidos. Tomamos café e comemos biscoito. Nos conhecemos desde os quinze anos. É minha melhor amiga.

No horizonte vi uns morros baixos entre os quais a estrada se perdia. A leste começava a aparecer a noite. De que cor é o deserto à noite?, eu tinha me perguntado dias atrás no motel. Era uma pergunta retórica e idiota na qual eu resumia o meu futuro, ou talvez não o meu futuro mas a minha capacidade de aguentar a dor que sentia. Uma tarde, na oficina de literatura de Gómez Palacio, um rapaz me perguntou por que eu escrevia poesia e até quando pensava escrever. A diretora não estava presente. Na oficina havia cinco pessoas, os únicos cinco alunos, quatro rapazes e uma moça. Dois deles se vestiam com extrema humildade. A moça era baixinha e magra, e sua roupa era meio vulgar. O rapaz que fez a pergunta deveria estar estudando na universidade, mas em vez disso trabalhava de operário numa fábrica de sabão, a maior (e provavelmente a única) do Estado. Um outro rapaz era garçom num restaurante italiano. Os outros dois faziam o curso preparatório para a universidade e a moça não estudava nem trabalhava.

Por acaso, respondi. Por um instante nós seis ficamos calados. Avaliei a possibilidade de trabalhar em Gómez Palacio, de viver ali para sempre. Tinha visto no pátio um par de alunas de pintura que me pareceram bonitas. Com sorte, poderia casar com uma delas. A mais bonita das duas parecia também a mais convencional. Imaginei um noivado longo e complicado. Imaginei uma casa escura e fresca, e um jardim cheio de plantas. E até quando pretende escrever?, quis saber o rapaz que fabricava sabão. Eu poderia ter respondido qualquer coisa. Optei pela mais simples: não sei, disse. E você? Comecei a escrever porque a poesia me torna mais livre, professor, e nunca vou parar, disse ele com um sorriso que mal ocultava seu orgulho e sua determinação. A resposta estava viciada pela vagueza, por um afã declamatório.

No entanto, por trás dessa resposta vi o operário do sabão, não como era agora mas como tinha sido aos quinze anos ou talvez aos doze, eu o vi correndo ou andando por ruas suburbanas de Gómez Palacio sob um céu que se assemelhava a uma avalanche de pedras. Vi também seus companheiros: me pareceu impossível que sobrevivessem. Isso era, apesar de tudo, o mais natural.

Depois lemos poesias. A única que tinha algum talento ali era a moça. Mas eu já não tinha certeza de mais nada. Quando saímos, a diretora estava me esperando ao lado de dois tipos que, vim a saber, eram funcionários do estado de Durango. Não sei por quê, pensei que eram da polícia e estavam lá para me prender. Os jovens se despediram de mim e foram embora, a moça magricela com um rapaz e os outros três sozinhos. Eu os vi atravessar o corredor de paredes descascadas. Segui-os até a porta, como se houvesse esquecido de dizer alguma coisa a um deles. Lá os vi se perderem nos dois extremos daquela rua de Gómez Palacio.

Então a diretora disse: é minha melhor amiga, depois se calou. A estrada tinha deixado de ser uma linha reta. Pelo retrovisor vi um muro enorme se erguendo além da cidade que deixávamos para trás. Demorei para reconhecer que era a noite. No toca-fitas a cantora começou a gorjear outra canção. Falava de um povoado perdido no norte do México, onde todo mundo era feliz, menos ela. Pareceu-me que a diretora estava chorando. Um pranto silencioso e digno, mas incontível. Entretanto eu não podia confirmar. Meus olhos não se afastavam um só segundo da estrada. Depois a diretora pegou um lenço e se assoou.

Acenda os faróis, ouvi que me dizia com uma voz apenas audível. Continuei guiando. Acenda as luzes do carro, repetiu ela sem esperar resposta, se inclinou sobre o painel e acendeu ela mesma as luzes. Reduza a velocidade, disse após algum tempo, com a voz mais firme, enquanto a cantora entoava as notas finais da sua canção. Uma canção tristíssima, falei só para falar alguma coisa.

O carro ficou estacionado de um lado da estrada. Abri a porta e desci: ainda não estava totalmente escuro, mas já não era de dia. As terras ao meu redor, os morros em que a estrada se perdia, eram de uma cor amarelo-escura tão intensa que igual nunca vi. Como se aquela luz (mas não era luz, era só uma cor) estivesse prenhendo de algo que eu não sabia o que era mas que bem poderia ser a eternidade. Tive vergonha de pensar algo assim. Estiquei as pernas, um carro passou junto de mim buzinando. Xinguei-lhe a mãe com um gesto. Talvez não tenha sido apenas um gesto. Talvez tenha gritado vá pra puta que pariu e o chofer viu ou ouviu. Mas isso, como quase tudo nesta história, é improvável. Além do mais, quando penso nele só o que vejo é minha imagem congelada no seu retrovisor, ainda estou de cabelos compridos, sou magro, uso um casaco mescla e óculos grandes demais, uns óculos asquerosos.

O carro freou metros adiante e ficou parado. Ninguém saiu, nem deu marcha a ré, não tornei a ouvir a buzina, mas sua presença parecia inchar o espaço que agora de alguma maneira compartilhávamos. Com prudência, encaminhei-me para onde estava a diretora. Ela abaixou a janela e me perguntou o que tinha acontecido. Estava com os olhos mais esbugalhados do que nunca. Eu disse que não sabia. É um homem, disse ela, e se moveu para se instalar no banco do motorista. Ocupei o assento que ela tinha deixado livre. Estava quente e úmido, como se a diretora estivesse com febre. Através da janela pude ver a silhueta de um homem, a nuca de alguém que fitava, como nós, a linha da estrada que começava a serpentear em direção aos morros.

É meu marido, disse a diretora sem parar de olhar para o carro estacionado e como se falasse consigo mesma. Depois pôs o outro lado da fita e aumentou o volume. Minha amiga às vezes me telefona, falou, quando parte em turnê por cidades desconhecidas. Uma vez telefonou de Ciudad Madero, cantou a noite toda num local do sindicato dos petroleiros e me ligou às quatro da manhã. Outra vez telefonou de Reinosá. Que bom, falei. Nem bom nem ruim, disse a diretora.

Simplesmente telefona. Às vezes tem essa necessidade. Quando meu marido atende, ela desliga.

Por um bom tempo nenhum dos dois disse nada. Imaginei o marido da diretora com o telefone na mão. Pega o telefone, diz alô, quem é, depois ouve desligarem do outro lado e também desliga, quase que por reflexo. Perguntei à diretora se queria que eu descesse e fosse dizer alguma coisa para o motorista do outro carro. Não é preciso, disse. Pareceu-me uma resposta razoável, mas na realidade era uma resposta enlouquecida. Perguntei o que achava que seu marido ia fazer, se é que era seu marido mesmo. Ficar ali até irmos embora, disse a diretora. Então o melhor seria irmos embora já, eu disse. A diretora pareceu submergir-se em seus pensamentos, mas na realidade, adivinhei muito mais tarde, só fechou os olhos e literalmente sorveu até a última gota da canção que sua amiga de Durango entoava. Depois ligou o motor e avançou lentamente até passar junto ao carro parado alguns metros adiante. Olhei pela janela. O motorista nesse momento me deu as costas e não pude lhe ver o rosto.

Tem certeza de que era seu marido?, perguntei quando o carro já se perdia outra vez na direção dos morros. Não, disse a diretora, e caiu na gargalhada. Creio que não era. Também caí na gargalhada. O carro parecia com o dele, disse entre soluços de riso, mas acho que não era ele. Só acha?, perguntei. A não ser que tenha mudado de placa, disse a diretora. Compreendi naquele momento que tudo havia sido uma brincadeira e fechei os olhos. Depois subimos os morros e entramos no deserto, uma planície varrida pelas luzes dos carros que iam para o norte ou em direção a Gómez Palacio. Já era de noite.

Olhe, disse a diretora, vamos chegar a um lugar muito especial. Foi esse o termo que empregou. Muito especial.

Queria que você visse isso, disse, é do que mais gosto na minha terra. O carro saiu da estrada e parou numa espécie de área de descanso, mas na realidade aquilo não era nada, só terra e um espaço grande para estacionar caminhões. Ao longe brilhavam as luzes de algo que podia ser um lugarejo ou um restaurante. Não saímos do

carro. A diretora me indicou um ponto impreciso. Um trecho de estrada que devia estar a uns cinco quilômetros de onde nos encontrávamos, talvez menos, talvez mais. Até passou um pano no vidro da frente para que eu enxergasse melhor. Olhei: vi faróis de automóveis, pelo movimento das luzes talvez fosse uma curva. Depois vi o deserto e vi umas formas verdes. Viu?, perguntou a diretora. Sim, luzes, respondi. A diretora me encarou: seus olhos esbugalhados brilhavam como brilham os olhos dos pequenos animais do estado de Durango, dos arredores inóspitos de Gómez Palacio. Depois tornei a olhar para onde ela indicava: a princípio, não vi nada, só escuridão, o clarão daquele povoado ou restaurante desconhecido, depois passaram alguns automóveis e seus feixes de luz cortaram o espaço com uma lentidão exasperante.

Uma lentidão exasperante que no entanto já não nos afetava.

Depois vi como a luz, segundos depois do carro ou do ônibus passar por aquele lugar, se voltava sobre si mesma e ficava suspensa, uma luz verde que parecia respirar, por uma fração de segundo viva e reflexiva no meio do deserto, soltas todas as amarras, uma luz que se assemelhava ao mar e que se movia como o mar, mas que conservava toda a fragilidade da terra, uma ondulação verde, portentosa, solitária, que algo naquela curva, um letreiro, o teto de um galpão abandonado, plásticos gigantesco estendidos no chão, deviam produzir, mas que diante de nós, a uma distância considerável, aparecia como um sonho ou um milagre, e ambos são, afinal de contas, a mesma coisa.

Depois a diretora pôs o motor em funcionamento, virou e voltamos ao motel.

No dia seguinte eu devia ir embora para o DF. Quando chegamos, a diretora desceu do carro e me acompanhou um trecho. Antes de chegar ao meu quarto me estendeu a mão e se despediu de mim. Sei que você saberá perdoar meus desvarios, disse ela, no fim das contas nós dois somos leitores de poesia. Agradei-lhe por não ter dito que éramos poetas. Quando entrei no meu quarto acendi a luz, tirei o casaco, bebi água direto da torneira. Depois me aproximei da janela. O

carro dela ainda estava no estacionamento do motel. Abri a porta e um sopro de ar do deserto me bateu em cheio no rosto. O carro estava vazio. Um pouco além, junto da estrada, como quem contempla um rio ou uma paisagem extraterrestre, vi a diretora, com os braços um pouco levantados, como se estivesse falando com o ar ou recitando, ou como se fosse de novo menina e estivesse brincando de estátua.

Não dormi bem. Quando amanheceu ela própria foi me buscar. Me acompanhou até a rodoviária e me disse que, se eu finalmente decidisse aceitar o trabalho, seria bem-vindo na oficina. Disse-lhe que precisava pensar. Ela disse que estava certo, que a gente tinha de pensar nas coisas. Depois disse: um abraço. Inclinei-me e a abracei. A minha poltrona dava para o outro lado, de modo que não pude vê-la quando foi embora. Só me lembro vagamente da sua figura, parada ali, olhando para o ônibus ou talvez consultando seu relógio de pulso. Depois tive de me sentar porque outros viajantes passavam pelo corredor ou se acomodavam nos assentos ao lado e, quando tornei a olhar, ela não estava mais lá.